

## ENSAIO VISUAL





## FÁTIMA MENDONÇA

Fátima Mendonça nasceu em 1964, estudou pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (Esbal) e expõe desde o início da década de 1990. Fá-lo com regularidade, sem a preocupação de internacionalização que é própria dos artistas plásticos seus contemporâneos. Com uma presença discreta no panorama artístico nacional, a pintora apresentou, em 2014, a sua obra na Galeria 111, em Lisboa, numa exposição intitulada *A cura – operação ao cérebro*. Nesse trabalho, composto por desenhos e pinturas que representam cabeças feridas, de onde saem diversos males e outras matérias, aparecem também textos e narrativas feitas de frases e palavras soltas, aparentemente desconexas. Na verdade, elas exprimem um mal-estar existencial que reflete a natureza do trabalho de Fátima Mendonça e o fato de a sua obra se alimentar dessa inquietação permanente e visceral perante o mundo.

As figuras que aparecem nas suas obras submergem completamente o espectador numa proliferação de filamentos e sinais gráficos, linhas sinuosas e caprichosas, cuja caligrafia vertiginosa de pontos e ondulações estilhaça a forma de contorno que possamos reconhecer. Ao mesmo tempo delicada e vigorosa, a pintura de Fátima Mendonça invoca muitas vezes as técnicas de *drip-picture* dos anos 1950, ainda que o seu efeito seja totalmente diferente. Como a utilização das técnicas de Fátima Mendonça – o lápis e as tintas de óleo – lhe permite um controle maior e mais direcionado sobre a superfície pictórica, tal mostra-nos que a técnica do *dripping*, da pintura enquanto pura ação, não a seduz.

É preciso ressaltar a unidade homogênea que liga os seus trabalhos, desde o início, onde reconhecemos o olhar de uma menina, o *alterego* da pintora, que representa o seu próprio universo e as suas memórias. Assim, desde a sua mãe, que fazia bolos para fora, à figura de um enigmático coelho azul ou à de uma toureira, na arena ou na jaula cheia de sacos de tricô, é de uma obra singular e homogênea que falamos. A representação de uma cabeça aberta numa operação, referindo a dor imensa que é a de viver, em jeito de catarse e de evocação psicanalítica, eis o que define o olhar da artista. Por vezes de uma simplicidade desarmante, quase infantil, mas em que reconhecemos que nenhuma criança seria capaz de o fazer, Fátima Mendonça enquadra-se, de algum modo, numa tradição feminina, sem que isso reduza a sua obra: as metáforas por ela utilizadas são femininas, ligadas ao universo doméstico, encenando rituais e estratégias de sedução. Como se, entreabrindo uma porta, nos convidasse a entrar nessa casa antiga da memória.



Figura 1 A cura – operação ao cérebro

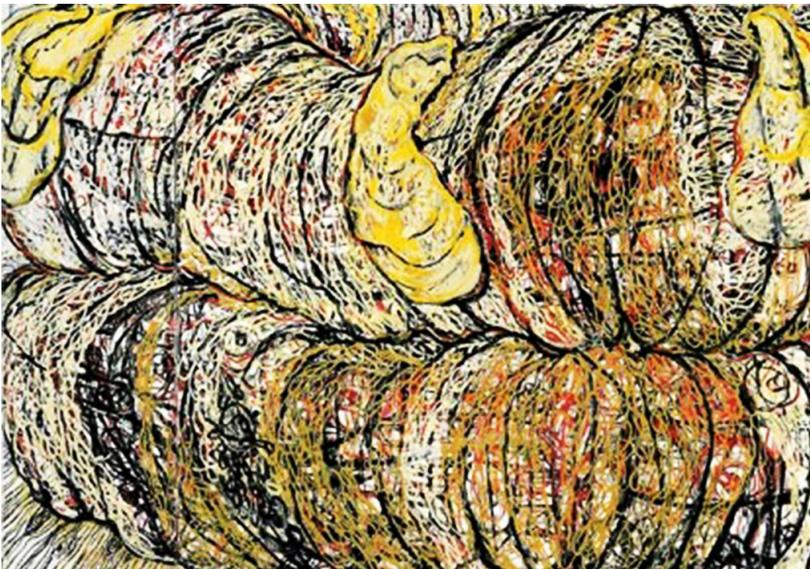


Figura 2 Sem título

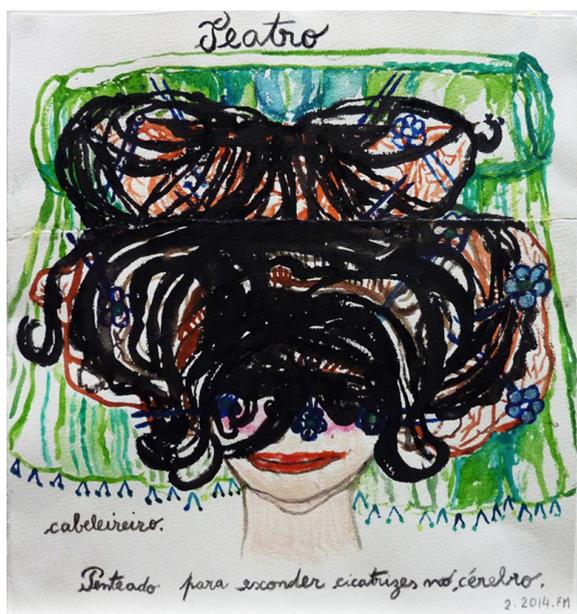


Figura 3 Operação ao cérebro



Figura 4 Carro carrossel



Figura 5 Sem título



Figura 6 Sem título



Figura 7 Sem título



Figura 8 Sem título





Figura 11 Sem título

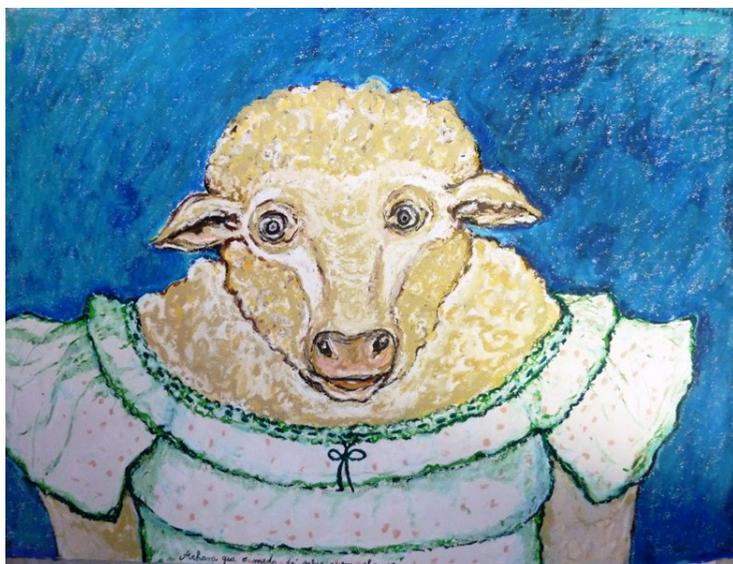


Figura 12 Sem título

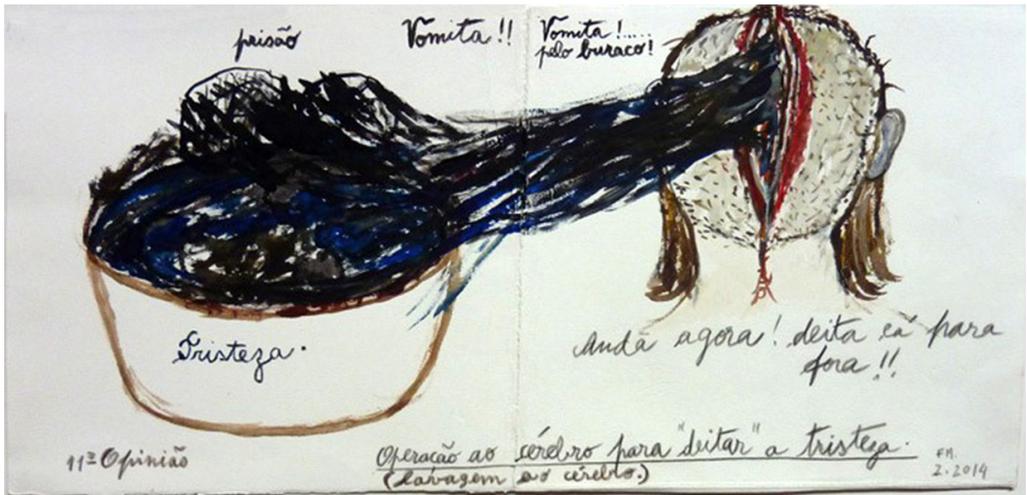


Figura 13 Cura para o cérebro

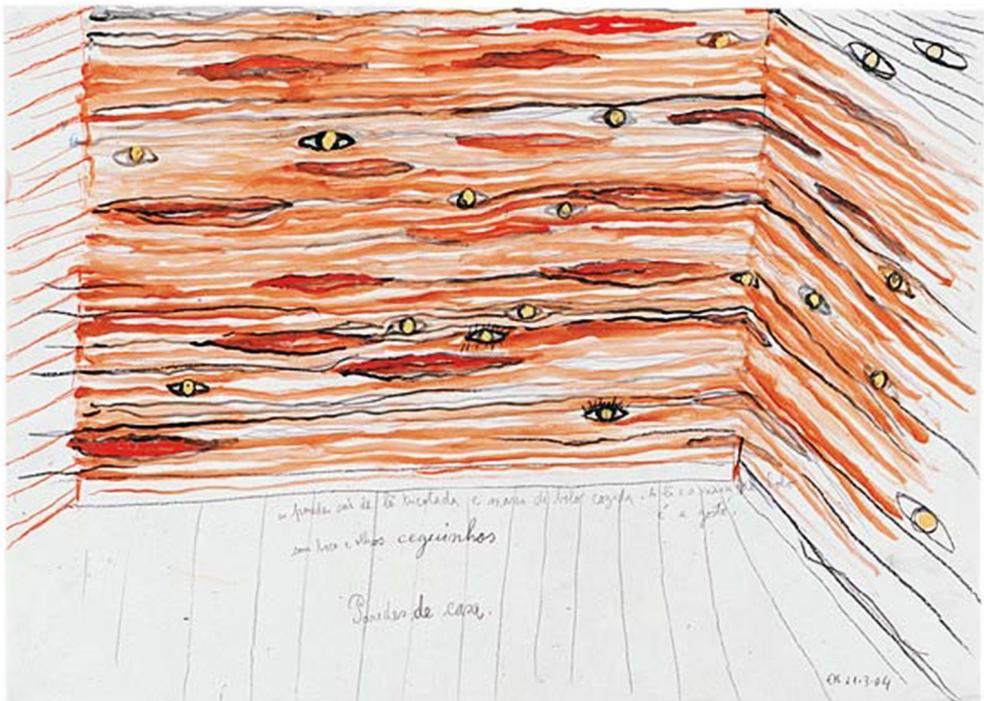


Figura 14 Sem título



Figura 15 Sem título